



e-l@tina

Revista electrónica de estudios latinoamericanos

[e-l@tina](#) es una publicación del
Grupo de Estudios de Sociología Histórica de América Latina ([GESHAL](#))
con sede en el
Instituto de Estudios de América Latina y el Caribe ([IEALC](#))
Facultad de Ciencias Sociales
Universidad de Buenos Aires

Sonhos e desilusões nas independências latino-americanas

Maria Ligia Coelho Prado

Profesora de Historia de América, Departamento de História de la Universidade de São Paulo (USP),
Brasil. Correo electrónico: lcprado@usp.br

Recibido con pedido de publicación: 1 de junio de 2002

Aceptado para publicación: 18 de julio de 2002

Resumo

Sonhos e desilusões nas independências latino-americanas

Os defensores da independência das colônias espanholas da América demonstravam em seus escritos - panfletos, livros, memórias, discursos, jornais- sólido conhecimento das idéias liberais. Fundamentando-se nelas, ou seja, na crença da razão como guia das ações humanas, na centralidade do indivíduo no percurso da história, na defesa dos direitos naturais dos homens, entre eles a liberdade e a igualdade jurídica e a legitimidade da propriedade privada, armaram suas plataformas de ação e suas justificativas para a emancipação. As denominadas “idéias francesas” haviam se disseminado e gerado num vasto grupo de ilustrados. Simón Bolívar, Miguel Hidalgo, José de San Martín e tanto outros posicionaram-se à frente de seus exércitos. Se, portanto, a independência aparece como uma frustração, como proclamaram tantos de seus protagonistas, é porque, antes de tudo, abriu a possibilidade de um desenlace diferente e despertou os sonhos de muitos. Tempos de transformação trazem em si grandes esperanças e sua outra face, as inevitáveis frustrações.

Palavras-Chave: idéias liberais; emancipação; discursos

Summary

Dreams and disappointments in Latin American independence

Defendants of independence in the American Spanish colonies showed deep knowledge of liberal ideas in their writings – pamphlets, books, memoirs, speeches, journals. They built their action platforms and their justifications for emancipation on the basis of their belief that reason was the lead of human actions, the central part played by individual in history, the defense of natural rights - liberty and equality and private property among these. The so-called “French Ideas” had spread and generated a great deal of illustrated people. Simón Bolivar, Miguel Hidalgo, José de San Martín and others were in charge of the armies. If independence seems to be a frustration, as their protagonists claimed it to be, it is because it gave the chance of a different ending and it raised the dreams of many people. Times of transformation raise great hope and, its counterpart, unavoidable frustrations.

Keywords: Liberal ideas; Emancipation; speeches

“Eu desta glória só fico contente que a minha terra
amei, e a minha gente.”

Manuel Arruda Câmara, *O Patriota*

Introdução*

Quando se pensa em letrados na América Espanhola desse período, o primeiro nome a ser mencionado é sempre o de Bolívar.¹ Além de grande líder do movimento da independência, deixou muitos escritos, entre eles uma extensa correspondência, que foi cuidadosamente organizada no século XIX. Era um homem que conhecia as idéias liberais e que se apoiou nelas para dar forma a suas propostas políticas.

Para Bolívar, a liberdade, como um *deus ex-machina*, seria capaz de transformar a América, oprimida por séculos de colonização, em um mundo novo. Apoiado na história, construía pares opostos em que o passado, dominado pela tirania espanhola, contrapunha-se ao futuro, em que reinaria a liberdade. Dos espanhóis dizia, “Por três séculos gemeu a América sob esta tirania, a mais dura que afligiu a espécie humana; por três séculos chorou as funestas riquezas que tanto atrativo tinham para seus opressores.” (Bolívar, 1950a: 62-67). Para o futuro, esperava:

Tão logo sejamos livres, sob os auspícios de uma nação liberal que nos empreste sua proteção, se nos verá concordes em cultivar as virtudes e os talentos que conduzem à glória; então seguiremos a marcha majestosa em direção às grandes prosperidades para as quais a América Meridional está detinada (Bolívar, 1950b: 62-67).

Notável é sua capacidade de analisar as conjunturas políticas no calor da hora, fazendo projeções e oferecendo soluções carregadas de esperanças para a continuidade da luta. Como bom líder, não esmorecia; retirava das situações mais desesperadas força e disposição para seguir em frente. Seus projetos políticos concretos, como os apresentados no Congresso de Angostura de 1819, ou no Congresso Constituinte da Bolívia em 1826, demonstravam muitas vezes as ambigüidades de seu pensamento, em que mesclavam idéias liberais e posições autoritárias de governo.²

Além dos líderes mais conhecidos, como o caso de Bolívar, havia um grupo considerável de letrados que, da cidade do México a Buenos Aires, divulgava as novas perspectivas, escrevendo em jornais recém-fundados, fazendo discursos em salões familiares, ensinando em universidades, nas colônias espanholas, como difusoras das novas idéias. Lanning (1956), historiador norteamericano, devotou boa parte de seus escritos à demonstração de que as colônias espanholas eram, como tanto se afirmou, o lugar das trevas em termos culturais e educacionais. Seu clássico trabalho sobre a Universidade de São Carlos da Guatemala mostra que, no século XVIII, os estudantes defendiam teses em que apareciam seus conhecimentos sobre Descartes, Locke, Copérnico, Newton e, até mesmo, Benjamin Franklin. Relacionando a universidade com as novas idéias políticas, afirma ele que dos treze homens que assinaram a ata da independência das Repúblicas Unidas da América

* Este texto constituye el capítulo 2 del libro de la autora, *América Latina no século XIX. Tramas, telas e textos*, publicado por la Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP) y la Editora da Universidade do Sagrado Coração (EDUSC) (Coelho Prado, 1999: 53-73). Nuestro agradecimiento a la EDUSP y a Maria Ligia Coelho Prado por la autorización para reproducirlo aquí.

¹ Para uma análise interessante sobre as apropriações da figura de Bolívar, ver Carrera (1969) e ainda a introdução de Martinez e Bellotto (1983).

² Não quero entrar nas discussões sobre o Bolívar democrata ou autoritário. Há uma extensa discussão sobre esse tema (Coelho Prado, 1983).

Central nove tinham recebido graus da Universidade de São Carlos. Também a Universidade de Chuquisaca (hoje, Sucre) ficou famosa por ser considerada um espaço revolucionário. O historiador boliviano Gumucio diz que, dos 28 deputados que declaram, em Tucumán, em 1816, a independência das Províncias Unidas da América do Sul, 14 tinham sido alunos de Chuquisaca (Baptista, 1956).

A importância das universidades para a divulgação de idéias revolucionárias tem sido superestimada, pois se tratava de um espaço restrito que alcançava um círculo social bastante pequeno. Mais significativo ainda é o fato de as universidades, como instituições, terem permanecido fiéis à Coroa até o último momento. Dentro delas, confrontavam-se duas visões de mundo: uma defensora da ordem colonial, e outra, minoritária, com extremas dificuldades de sobrevivência, que postulava idéias contestadoras a essa mesma ordem. Não é de se estranhar; portanto, que conquistada a independência os liberais vitoriosos tenham fechado várias universidades, consideradas símbolo do passado colonial.

Francisco José de Caldas, cientista e rebelde

Além das idéias políticas francesas que circulavam em livros clandestinos ou panfletos anônimos, é preciso considerar que as inovadoras concepções sobre a natureza e a ciência, à primeira vista menos perigosas, também tiveram um peso importante na subversão das visões tradicionais do mundo colonial.³ Essas concepções, que foram divulgadas em jornais, associações científicas, ou em cátedras universitárias, tiveram, entretanto, um primeiro impulso proporcionado pela própria Coroa.

Durante o reinado de Carlos III, no auge das chamadas reformas borbônicas, foram enviadas à América as conhecidas expedições botânicas; entre elas, uma a Nova Granada, dirigida, entre 1783 e 1808, pelo espanhol José Celestino Mutis. Sua finalidade era estudar *in loco* a natureza e seus fenômenos, aplicando os recentes procedimentos científicos e revelando objetivos utilitários, anteriormente impensáveis. Mutis teve um papel inovador em Nova Granada. Estudou a flora e a fauna, difundiu o método de Newton e o ensino da matemática e foi o responsável pela construção de um observatório astronômico, o primeiro do Novo Mundo, inaugurado em 1803 (Saladino, 1990).⁴ Com os mesmos fins, também chegaram a Nova Granada, no princípio do século XVIII, as famosas expedições dos naturalistas Alexandre von Humboldt e Aimé Bonpland.⁵ O impacto desses empreendimentos sobre o pequeno grupo de letrados do vicereino foi notável e contribuiu para um sério questionamento da filosofia e educação escolásticas, nas quais se baseou o conhecimento no período colonial. Em vez das certezas reveladas pela fé, próprias da filosofia de São Tomás de Aquino, as novas perspectivas abriam a natureza à observação e experimentação. Era preciso pesquisar e conhecer a natureza da América, notando suas particularidades. O ato de derribar as muralhas da escolástica, abrindo uma brecha para as novas concepções do conhecimento, trazia, embutidas, implicações políticas. Se era possível questionar o mundo físico, por que não fazer o mesmo com o mundo da política?

As opções do letrado colombiano nascido em Popayán, Francisco José de Caldas (1771-1816), são um extraordinário exemplo dessa combinação. Caldas fazia coexistir sua fé católica com a adoção do método experimental em ciência, aliadas a uma firme defesa da independência política.⁶ Para

³ Para esse tema ver De Gortari (1981) e também De Fonseca (1996).

⁴ Ver Mendoza (1909)

⁵ Sobre Humboldt e as expedições botânicas, ver Gerbi (1996), Labastida (1983) e Pratt (1993).

⁶ Chiaramonte (1979) a ilustração na América Espanhola guardou alguns traços semelhantes aos da metrópole, ou seja, fez convergir as idéias liberais com algo da doutrina católica. Caldas, assim, não era uma exceção.

Sonhos e desilusões nas independências latino-americanas

Maria Ligia Coelho Prado

agradar ao pai, obteve o grau de bacharel em leis, pelas quais não tinha qualquer interesse. Como ele mesmo afirmava:

Por sorte, [ainda no colégio] tive um catedrático que detestava o jargão escolástico que havia corrompido os mais belos entendimentos; sob sua direção, dediquei-me ao estudo da aritmética, geometria, trigonometria, álgebra e física experimental, porque nosso curso de filosofia foi verdadeiramente um curso de física e matemática [...]. Nada tocava mais vivamente meu gosto que a astronomia; sua relação com a navegação, a geografia, a cronologia, o brilhante e magnífico espetáculo me fizeram decidir por ela (Caldas *apud* Saladino, 1990a: 158).

Considerava José Celestino Mutis responsável pela difusão da nova ciência e pela formação de muitos jovens. Afirmava sobre ele:

Naquela época, começou-se a ouvir no reino que a Terra girava sobre seu eixo e ao redor do Sol, e que se devia colocá-la entre o número dos planetas. Quantos desgostos lhe custou persuadirnos desta verdade tão capital! Apesar da obstinação dos padres, formaram-se muitos jovens, e se difundiram os conhecimentos astronômicos (Caldas *apud* Saladino, 1990b: 162).

Caldas dedicou sua vida ao estudo e à pesquisa da astronomia, geografia, botânica, zoologia, meteorologia, entre outras áreas. Determinou longitudes e latitudes de todas as vilas e montanhas que visitou, descreveu seus recursos naturais e seu clima. Estudou vulcões e terremotos. Foi director do Observatório Astronômico, criado por Mutis. Sua curiosidade intelectual era insaciável, só equiparada ao afã de divulgação dos novos conhecimentos. Seu trabalho foi reconhecido não só por seu mestre direto. Mutis, mas também por Humboldt. Conta Caldas que:

consumi toda minha vida no cultivo da astronomia aplicada à geografia e à navegação, à física e à história natural; comencei a persuadir-me de que tinha acertado nesta carreira espinhosa, quando vi o apreço que tiveram por meus trabalhos o senhor dom José Celestino Mutis e o barão de Humboldt, que começaram a dispensar-me sua proteção e favores (Caldas *apud* Saladino, 1990a: 166).

Como liberal coerente, acreditava na educação e na difusão das luzes para a criação de um mundo melhor. Foi, assim, catedrático no Colégio Maior de Nossa Senhora do Rosário de Bogotá. Conta um de seus biógrafos que seu “espírito científico” o dominava em qualquer circunstância. Tendo sido nomeado para a cátedra de matemática, junto com outro professor de direito, este pronunciou um tradicional discurso de posse, enquanto Caldas disse apenas a seguinte frase: “Senhores, o ângulo central é o dobro do ângulo periférico” (Caldas *apud* Saladino, 1990a: 180).

Editou o *Semanario del Nuevo Reino de Granada*, em 1808 e 1809, que depois perdeu a periodicidade, mas sobreviveu, ainda, por onze números. A publicação tinha um caráter científico, segundo seu próprio diretor. Assim, não aceitava as críticas de que o jornal apresentava termos científicos e técnicos incompreensíveis para a maioria da população, indicando que era escrito para poucos e seleccionados leitores interessados nas questões da ciência.

Pensava a ciência voltada para o progresso e a felicidade para o maior número de pessoas. Por isso, buscando explicações cada vez mais precisas e corretas, acreditava que a pesquisa deveria ter uma finalidade prática e contribuir para o progresso e o bem-estar da pátria.

Quando as lutas pela independência começaram, Caldas assumiu uma definida posição de agitador político. Decidiu publicar com Joaquín Camacho o primeiro jornal da República, *Diario Político*, em que saíam artigos sobre economia política e ofereciam-se notícias sobre a marcha das lutas pela independência. Em 1816, as forças realistas comandadas por Morillo aprisionaram e fuzilaram-no em Bogotá, junto com um grupo de liberais, colaboradores do *Semanario* e do *Diario*.

Caldas contestou os paradigmas de conhecimento e o poder político vigentes no comércio do século XIX. Demonstrou que não havia ruptura entre as novas visões sobre o mundo da ciência e o universo da política. Sua inquietação e coerência levaram-no a assumir posições radicais e o dispuseram a lutar pela independência. Dessa forma, não foram apenas as idéias dos filósofos franceses que motivaram os rebeldes, mas também as desafiantes perspectivas no que se refere ao conhecimento do mundo físico. Animado por um espírito rebelde, Caldas levou suas idéias até as últimas conseqüências, não retrocedendo diante do perigo crescente, que acabou por lhe tirar a vida.

Miguel Hidalgo y Costilla, um padre revolucionário

Ao pensarmos a Igreja Católica na América Latina contemporânea, de imediato nos vêm à mente suas divisões internas com relação ao poder político e aos problemas sociais; colocam-se frente à frente os seguidores da Teologia da Libertação e os defensores da hierarquia conservadora. É possível fazer um paralelo entre o presente e o período da independência.

A Igreja, como instituição hierarquizada, esteve so ao lado dos realistas durante todo o processo de independência e usou a religião como arma para dissuadir os rebeldes. A Inquisição, ainda que nos seus estertores, vigiava cuidadosamente para impedir a circulação das idéias consideradas subversivas. Quando o terremoto de 1812 abalou Caracas e outras cidades de Venezuela, os padres pregavam nas igrejas que fora um castigo de Deus, provocado pela revolta do povo contra o rei e os valores da Igreja.⁷

Entretanto, na direção oposta, é notável o número de padres incorporados ao movimento de emancipação. Num estudo sobre a Nova Espanha, indica-se que há documentos citando mil participantes entre os dez sacerdotes existentes, em qualquer um dos lados. Assim, uma décima parte do clero esteve envolvida politicamente no movimento, e um contingente expressivo participou da guerra propriamente dita (Farris, 1968).

Muitos sacerdotes dedicaram-se ao movimento pela independência, transformando-se em líderes. Receberam críticas e sofreram presões pela opção assumida. Os mesmos argumentos sobre o “inapropriado” envolvimento dos padres com a política, tão ao gosto dos conservadores dos nossos tempos, também foram utilizados nesse período, considerando “política” apenas a participação contrária à manutenção do *status quo*. Os exemplos dessas vidas conturbadas, às vezes atormentadas, podem começar por Miguel Hidalgo e José María Morelos, líderes do movimento rebelde no México; continua com Camilo Torres, presidente da futura Colômbia, fuzilado pelas tropas realistas; Camilo Henríquez, diretor do jornal *La Aurora de Chile*, que lutou com seus escritos pela independência do Chile; e, no Brasil, o cônego nas Gerais. Além muitos outros, cujos registros ficaram perdidos para a história, mas que certamente, em suas paróquias, nos sermões de domingo, envolveram-se na defesa ardorosa das novas idéias emancipacionistas.⁸

Em Cuzco, na rebelião dos irmãos Angulo, em 1814, nada alarmou mais os funcionários reais que o elevado número de sacerdotes envolvidos no movimento. Afirmavam eles que Angulo estava rodeado de frades e clérigos, seus principais conselheiros. Acusaram até mesmo o bispo de Cuzco, de 87 anos, de cumplicidade (Brading, 1991).

⁷ Par um bom texto geral sobre a independência da América Espanhola, ver Lynch (1973).

⁸ Para a questão da adesão ao movimento de independência, ver Domínguez (1985).

No México, tanto Hidalgo quanto Morelos foram acompanhados por grande número de padres, a ponto também de assustar as autoridades reais. Um comandante realista chegou a afirmar que era necessário trazer sacerdotes da Espanha, leais à Coroa, para ocupar as paróquias mexicanas. O bispo de Michoacán, Abad y Queipo (*apud* Brading, 1991) declarou que a rebelião pela independência fora “quase obra própria dos eclesiásticos, pois são eles os principais autores e os que a promoveram e a sustentam”. Expressiva da participação é a decisão das autoridades do vice-reinado de suspender a imunidade clerical, de tal forma que os comandantes militares pudessem julgar os padres rebeldes, sem ter que se dirigir aos bispos responsáveis por eles. Essa decisão causou grande apreensão e muitos protestos indignados (Brading, 1991).

O *diário*, de um guerrilheiro da independência do Alto Peru, encontrado depois de quase um século e publicado há dez anos por Gunnar Mendoza, é uma fonte documental rica para entendermos a independência por intermédio da visão de um “homem comum”. José Santos Vargas (1982), este era seu nome, narra sua vida de maneira direta e despreziosa, apresentando as aventuras da luta guerrilheira no Alto Peru, entre 1814 e 1825. No *Diário*, também podemos avaliar o papel de um “padre comum”, irmão do protagonista.⁹

Nascido em Oruro, em 1796, o narrador conta que, quando houve uma batalha entre o exército rebelde e as tropas realistas em sua cidade, acabou fugindo e perambulou por quatro anos pela região dos vales de Punata. Em 1814, chegou à casa de um irmão mais velho, padre, Andres Vargas. Até esse momento, não demonstrara afinidade política com qualquer dos dois grupos em luta, embora tivesse vivido várias aventuras e presenciado muitos episódios das *montoneras* rebeldes. Na casa de seu irmão, em Pocusso, em Inquisivi, descobriu que este era partidário ardoroso da independência, tendo sido capelão de grupos guerrilheiros. Nas conversas que se seguiram, acabou persuadido pelo irmão a escolher o lado da emancipação. Ficou fascinado quando soube que seu irmão escrevera um diário durante as campanhas. Tomou então as duas decisões que mudaram sua vida: entrar para um grupo de guerrilheiros e assumir como tarefa fundamental escrever um diário.

Muitos dos líderes religiosos estavam profundamente ligados aos camponeses mais pobres e escolheram defender algumas de suas reivindicações. Sem dúvida, o clero era muito influente e respeitado, sua palavra exercia poder de convencimento sobre suas paroquianos. Esta observação é particularmente concernente ao denominado baixo clero, que estava mais próximo da população pobre. Quanto ao alto clero, mais distante do cotidiano de seus fiéis, alinhou-se em geral como o regime colonial ou manteve uma ambigua neutralidade. Um equívoco bastante comum é a identificação de todos os padres pobres e humildes com a ignorância e a superstição; ainda que esse julgamento seja válido para muitos deles, outros tantos liam bastante, tinham pequenas bibliotecas em casa e estavam familiarizados com as novas idéias. Além do cônego Luis Vieira, cuja biblioteca, apreendida pelas autoridades portuguesas, foi estudada cuidadosamente, tomemos o exemplo de Hidalgo, muitas vezes apontado como pobre e ignorante.¹⁰

Hidalgo nasceu em 1753, na província de Guanajuato; seu pai era administrador de uma fazenda e tinha recursos suficientes para oferecer estudo aos filhos. Miguel foi para o Colegio de San Nicolás, em Valladolid (futura Morelia), província de Michoacán, e sua formação lhe deu credenciais para prestar exames e obter o grau de bacharel da Universidad do México (segundo as cláusulas da universidade, isso era possível para quem houvesse cursado durante três anos alguns colégios, como privilégios especiais). Obteve, assim, o grau de bacharel em artes em 1770, recebendo três anos depois o grau de bacharel em teologia.¹¹

⁹ Anotado por Gunnar Mendoza.

¹⁰ Ver Frieiro (1981).

¹¹ Para a vida de Hidalgo, ver Castillo Ledón (1948) e também García (1948).

Dedicou-se à docência de latim e de teologia no mesmo Colegio de San Nicolás, tornando-se reitor em 1791. Por razões não inteiramente conhecidas, abandonou o colégio para ser sacerdote de pequenas paróquias do interior; em 1803, substituindo o irmão, José Joaquín, padre como ele, chegou à vila de Dolores, no norte de Guajanato.

Hidalgo não era um conformista, e suas idéias já haviam chamado a atenção da Inquisição, que o colocara sob vigilância, depois de receber várias denúncias de suas supostas heresias. Dizia-se que duvidava da virgindade de Nossa Senhora, que afirmava não ser a fornicção um pecado e que sua vida era imoral. Quanto às idéias políticas, foi acusado de querer estabelecer as liberdades francesas na América, de defender a república, entendida como melhor que a monarquia, e de criticar os monarcas como tiranos despóticos. José María Luis Mora, crítico áspero da conduta de Hidalgo à frente do exército rebelde, afirmava, sem qualquer simpatia, que Hidalgo fora denunciado à Inquisição, desde o ano de 1800, por várias pessoas. Entre elas, por uma mulher que, dizendo ter marido relações íntimas com ele, declarava que Hidalgo proclamava a inexistência do inferno e de Jesus Cristo e que atacava a santidade de Gregório VII, que, segundo ele, mesmo canonizado, ardia no inferno. A contradição dessas falas é transparente (Mora, 1950).

Em Dolores, além de suas tarefas de pároco - que ao que tudo indica não levava muito a sério - dedicou-se à vinicultura, apicultura e sericicultura, além de estabelecer uma olaria para a fabricação de cerâmica e tijolos. Viviam com ele, em sua casa, o irmão mais novo, Mariano, um primo e suas filhas ilegítimas, Josefa e Micaela.

Todas essas facetas mostravam um homem inquieto, com interesses diversificados, não enquadrado na descrição de um padre tradicional e bem-comportado. A leitura de autores franceses, ingleses e também de mexicanos, entre eles o jesuíta ilustrado Francisco Clavijero, forneceram-lhe um arcabouço de idéias que justificavam a luta pela emancipação (Villoro, 1983).

Quando as notícias sobre o cativo de Fernando VII chegaram em 1808 a Nova Espanha, formou-se uma Junta, logo reprimida pelo vice-rei; seus membros foram presos e alguns considerados à morte. Em 1810, um grupo, entre os quais se encontrava Hidalgo, conspirava em favor da independência. Quando chegaram à sua casa, diante das notícias enviadas pela mulher do corregedor de Querétaro, Josefa Ortiz de Domínguez, de que a conspiração havia sido descoberta, decidiu, com os demais, que não havia outra saída a não ser iniciar imediatamente a rebelião. Dessa maneira, em 16 de setembro de 1810, o chamado “Grito de Dolores” -segunda as narrativas tradicionais, Hidalgo convocou a população, tocando os sinos da igreja, fez um sermão político, e o povo respondeu com vivas à independência e gritos contra os maus governantes- iniciou uma guerra de onze anos.

As primeiras vitórias foram espectaculares. A tomada de Guanajuato, depois da queda da fortaleza chamada “Alhondiga de Granaditas”, foi seguida por um massacre de espanhóis e realistas *criollos*. Seu exército era formado por camponeses e artesãos pobres cuja maioria caminhava a pé; as armas variavam de pistolas, espadas e lanças a arcos e flechas e pedras. Das forças que atacaram Guanajuato, apenas cem homens eram soldados profissionais do regimento da Rainha de San Miguel el Grande. Hidalgo comandava, portanto, um exército não-profissional, mal armado e indisciplinado, que recebeu críticas por parte de outros líderes, como seu companheiro de luta, o militar de carreira Ignacio Allende. O exército foi recebendo adesões por onde passava e chegou a ter entre oitenta e noventa mil homens. Carregavam, à frente, os estandartes com as imagens de Fernando VII e de Nossa Senhora de Guadalupe, a virgem índia (Lynch, 1973).

Depois da vitória de Guajanato em 17 de outubro, sem encontrar resistência, entraram em Valladolid, onde o futuro líder Morelos ofereceu sus serviços a Hidalgo. Ainda que excomungado pelo bispo, Hidalgo continuou lutando e obtendo vitórias. No fim de outubro, suas forças estavam às portas da Cidade do México. Após sofrer uma derrota não comprometedor em Monte de las

Cruces, decidiu recuar, alegando falta de munições. As especulações sobre as razões dessa atitude permanecem sem um resultado confiável. Todavia, após essa vitória parcial das tropas realistas, o vice-rei Venegas decidiu transportar solenemente uma imagen de Nossa Senhora dos Remédios de seu santuário até a catedral da cidade do México, atribuindo a vitória à sua proteção e entronizando-a como protetora dos realistas, numa clara competição com o “poder milagroso” da Virgem de Guadalupe, protetora dos rebeldes.

Depois de outra pequena derrota pelos realistas, Hidalgo e seu exército dirigiram-se para Guadalajara; entraram na cidade, sem encontrar resistência, sendo aclamados pela população. Ali se apropriou de uma pequena gráfica e publicou o jornal *Despertador Americano*, cujo primeiro número, de 20 de dezembro de 1810, continha uma proclamação o povo, incitando-o a unir-se ao Exército Patriota.

A primeira derrota importante do exército rebelde aconteceu na ponte do rio Calderón, de onde se controlava estrategicamente a entrada da cidade de Guadalajara. Como consequência, Hidalgo viu-se obrigado a passar o comando a Allende, tendo em vista as críticas que vinha recebendo de seus companheiros com relação à indisciplina do exército; foi decidida também uma retirada para o norte, onde esperavam encontrar maior apoio e novos reforços.

Era o começo do fim. Traídos por um coronel rebelde que havia se desentendido com Allende, as forças realistas prepararam uma emboscada para Hidalgo e Allende em março de 1811, perto de Monclova. Todos os líderes caíram prisioneiros; Aldama, que fora para os Estados Unidos em missão diplomática, foi preso no Texas. Julgados rapidamente, foram todos condenados à morte por traição, de maneira ignominiosa, ou seja, fuzilamento pelas costas, como execução de Abasolo, que recebeu pena de prisão perpétua na Espanha, onde morreu cinco anos depois. Allende foi fuzilado em 26 de junho, e Hidalgo, em 30 de julho, depois de escrever uma confissão, entendida por muitos como a negação de suas idéias e atos anteriores. Seus corpos foram enterrados em Chihuahua, e as cabeças, colocadas dentro de gaiolas de ferro, expostas nos quatro cantos da “alhóndiga” de Guanajuato, por dez anos, como tenebroso exemplo.

Villoro (1983), em seu livro sobre a independência mexicana, faz uma bonita análise de trajetória de Hidalgo. Mostra um homem dividido entre a defesa das idéias de liberdade e a necessidade do uso da violência para realizar sua utopia. Como alcançar a liberdade sem violência foi o dilema vivido por tantos outros revolucionários latino-americanos. Diz Villoro (1983: 89), “Todo ato humano apresenta duas facetas inseparáveis: por um lado, é o que em minha intenção quero que seja, por outro, o que de fato - queira ou não - representa para os demais”. Hidalgo assumiu em seus depoimentos toda a responsabilidade pelos fatos e consequências de sua ação revolucionária. Ainda que consciente da violência, pensava que a conquista da independência compensaria todos esses males. Entretanto, quando fracassa, o peso de seus atos o atinge e ele sente remorsos. Para o autor, essa é a explicação para suas confissões, quando julgado. Dessa maneira, não seria um arrependimento ou uma negação da luta pela independência, mas sim a culpa por ter sido responsável por tanta violência. Dizia Hidalgo (*apud* Villoro, 1983: 91), “Uma gota de sangue americano pesa mais em nossa visão do que a prosperidade em algum combate, que procuraremos evitar, enquanto nos permitir a felicidade pública, como já temos feito”.

Hidalgo esteve à frente de um exército popular e, nos poucos documentos escritos que deixou, aparecem decretos que vinham ao encontro das aspirações dos mais pobres. Por exemplo, em 5 de dezembro de 1810, ordenava a restituição às comunidades indígenas das terras que lhes pertenciam e que tinham sido usurpadas. Tomava, a seguir, duas medidas fundamentais: abolia o pagamento dos tributos indígenas e decretava o fim da escravidão em dez dias, sob pena de morte para os proprietários que não cumprissem o determinado. No Manifesto de Guadalajara, depois de criticar

os espanhóis e pedir a união de todos “os nascidos neste feliz solo”, finaliza com as seguintes palavras:

Estabeleçamos um Congresso que se componha de representantes de todas as cidades, vilas es lugares deste reino, que tendo por objeto principal manter nossa santa religião dite leis suaves, benéficas e acomodadas às circunstâncias de cada povo: eles então governarão com a doçura de um pai, nos tratarão como irmãos, desterrarão a pobreza, moderando a devastação do reino e a extração de seu dinheiro, fomentarão as artes, avivarão a indústria, fazendo uso livre das riquíssimas produções de nossos fecundos países, e depois de poucos anos desfrutarão seus habitantes de todas as delícias que o Soberano Autor de natureza derramou sobre este vasto continente (Hidalgo, 1977: 43).

Hidalgo sensibilizou-se com as injustiças políticas e sociais e com o sofrimento dos humildes. Sua figura é modelar, pois, como tantos outros padres na América Latina, levou sua visão religiosa ao extremo da rebeldia. Hidalgo, movido por suas crenças, pegou em armas e liderou um movimento revolucionário. Viveu profundos dramas de consciência ao fazer conviver a doutrina católica com as práticas violentas da luta armada. Foi um homen perturbado por fortes sentimentos de remorso e arrependimento, mas também uma figura de extrema coragem, que desobedeceu à Igreja, enfrentou a escomunhão e sofreu acusações de toda ordem, sem abandonar os objetivos nos quais acreditava.

Depois da Independência: desilusões e esperanças

Quando a guerra terminou e a independência foi alcançada, esperava-se que tempos novos e gloriosos surgissem, acontecendo um renacer das terras “subjugadas e oprimidas por séculos”, como se costumava proclamar. Na concepção dos letrados liberais, a liberdade, a justiça, o progresso, a riqueza deveriam florescer na América. Entretanto, a guerra nas colônias espanholas foi longa e cruel, e o sofrimento e o emprobecimento visíveis. Assistia-se ao espectáculo da ruína econômica e da devastação geral. Muitas das riquezas produzidas tinham sido destruídas: plantações, criação de gado, minas. Os tesouros públicos encontravam-se esgotados, os líderes políticos disputavam o poder, divididos em facções. De repente, tudo parecia ter sido em vão, especialmente para aqueles que haviam se empenhado tanto nas lutas.

Enquanto isso, na Espanha, continuaram a existir planos e projetos rocambolescos, que visavam à reconquista. Quando surgiram brechas, como a guerra entre Brasil e Argentina (1825-1828), as esperanças se renovaram. Corriam rumores de iminentes reações realistas na América, assim como a curiosa crença de que Francia, o ditador do Paraguai, estaria, em verdade, conservando secretamente esse território para o rei da Espanha e apoiaria qualquer tentativa invasora (Costeloe, 1989).

Para mostrar que os planos não ficavam apenas no papel, em julho de 1829, um exército de quatro mil soldados espanhóis partiu de Cuba e desembarcou no México, onde, pensavam eles, os realistas eram muito fortes. No dia seguinte, depois de perder novecentos homens, o brigadeiro Barradas rendeu-se e deixou o México. Foi a última aventura no continente. Fernando VII, ao morrer em 1833, ainda acreditava que a independência tinha sido o desejo de uns poucos e que “a América se perdeu contra a vontade da própria América” (Costeloe, 1989).

Ao lado dos problemas econômicos, a política parecia um desastre ainda maior. Muitos dos principais líderes -militares ou políticos- da rebelião foram assassinados: o argentino Bernardo de Monteagudo, numa rua de Lima, os três irmãos chilenos Carrera, em seu exílio argentino, e Sucre, no interior da Bolívia. Outros tantos morreram no exílio voluntário ou não. Bernardo O’Higgins terminou seus dias no Peru, Simón Bolívar, em Santa Marta, José Artigas, no interior do Paraguai,

José de San Martín na Europa, Francisco de Miranda, numa prisão em Cádiz. O mexicano Agustín de Iturbide teve um fim mais trágico. Depois da independência foi proclamado imperador, mas teve um governo efêmero. Abdicou e exilou-se na Europa. Entretanto, convencido de que na Espanha se tramava uma conspiração contra o México, decidiu voltar a seu país, ignorando que havia sido condenado à morte por traição. O líder da independência terminou seus dias num lugarejo denominado Padilla, executado em 1834, assim que pisou em terras mexicanas.

A crença no futuro, própria dos liberais, parecia ter-se evaporado. Todos, como que de repente, davam-se conta de que as sociedades latino-americanas eram mais complexas do que as aparências sugeriam. Bolívar, durante os anos de luta pela independência, deixara escritos cantos de louvor à liberdade e prognosticava um porvir que faria da América um exemplo para o mundo. Quinze anos depois, morria doente, pobre, desiludido e só. Poucos dias antes de sua morte, escreveu ao general Flores uma carta terrível, em que afirmava ser a América ingovernável; acrescentava que “aquele que serve a uma revolução ara no mar”, e que nem mesmo os espanhóis desejariam reconquistar a América, tal o caos instalado. Nosso destino, dizia ele, “era ser governado por perquenos tiranos emperceptíveis”. Enfim, o “único remédio era emigrar” (Bolívar, 1950c: 501-502).

Interessante, também, é seguir a trajetória de Bernardo de Monteagudo; ardoroso adepto da democracia e diretor da Sociedade Patriótica fundada em Buenos Aires em 1812, acompanhou San Martín em sua campanha ao Peru, onde ocupou o cargo de ministro do Exterior. Moderando cada vez mais suas convicções, terminou como monarquista; teve um trágico fim, assassinado, em 1825. Escreveu em 1823, depois de sua breve experiência política no Peru e de sua perseguição e refúgio em Quito: “É necessário concluir que as relações entre amos e escravos, entre raças que se detestam e entre homens que formam tantas subdivisões sociais quantas modificações há em sua cor, são inteiramente incompatíveis com as idéias democráticas” (De Monteagudo, 1977: 172).

Carlos María de Bustamante, que havia lutado pela independência do México com ardor juvenil e defendido as idéias liberais no confronto político dos anos que se seguiram, com o passar dos anos foi assumindo posições cada vez mais conservadoras, a ponto de afirmar que Lucas Alamán, um dos expoentes do conservadurismo mexicano, era “verdadeiramente o grande homen de Estado que tem a República” (Brading, 1991: 692). Escreveu, ao longo dos anos, as crônicas dos acontecimentos da história mexicana, que começavam pela independência, *Cuadro Histórico de la Revolución Mexicana*. Se no início a narrativa ganhava um tom patriótico notável, um crescente desalento vai tomando conta de seus escritos. Depois do conflito com a França em 1838 e o tratado de paz - para ele humilhante -, confidenciava, em 1842, a um amigo que Aestava decretado nos céus que nossa degradação e envilecimento não terão fim (Villoro, 1983: 238). A guerra com os Estado Unidos e a derrota mexicana levaram-no ao desespero e à desesperança com relação ao futuro do México (Villoro, 1983: 239-240).

Antonio José de Irisarri, guatemalteco, participante da campanha chilena, escrevia em 1846 a histórica do assassinato de Sucre e lamentava todos os assassinatos políticos ocorridos depois da independência; dizia ele que proclamando os direitos de liberdade e de igualdade não fizemos ninguém livre ou igual, e que só fomos iguais para submeter-nos aos caprichos alheios e às desgraças conseqüentes de “uma ordem tão monstruosa” (De Irisarri, 1978: 317-327). Com o passar dos anos, foi-se tornando cada vez mais conservador, a ponto de em 1861 afirmar, na Guatemala:

Os liberais de todo o mundo são intolerantes. Agora, o que devemos tratar de fazer é que esses senhores nos deixem tranquilos na Guatemala, e não nos venham embromar com sua liberdade, de que Deus nos guarde, como da peste ou do incêndio (De Irisarri, 1978: 327).

Não se pode deixar de notar a semelhança de comportamento entre os revolucionários da independência e os posteriores advogados de transformações sociais na América Latina. O desejo de mudança da juventude, baseado na vontade e na crença da justeza de suas idéias, dão lugar, na maturidade - na medida em que os acontecimentos não correspondem às suas expectativas - ao desespero e à desilusão. O resultado é, muitas vezes, a adoção de posições conservadoras e a negação de todas as certezas pasadas. Assim aconteceu com Bolívar, Bustamante e Monteagudo. De Irisarri representa outro paradigma de político; ele concluiu, com o passar dos anos, que a liberdade e a igualdade eram, em sua essência, más e que na América Latina, despreparada para essas idéias, traziam somente o caos, a desordem e o atraso. O povo não estava preparado para as mudanças - cantilena repetida por mais de um século - e, assim, enquanto este se preparava, a resposta deveria ser um estrito controle social baseado na repressão policial e na ordem autoritária.

Bolívar ou Monteagudo não quiseram (ou não forma capazes de) compreender alguns problemas políticos por eles enfrentados. Monteagudo acabou despertando ódio contra si mesmo, no Peru, pois decidiu organizar uma campanha contra os espanhóis numa cidade em que os interesses dos próprios *criollos* estavam profundamente ligados aos dos peninsulares. Lima guardava características aristocráticas, com suas elites voltadas para valores tradicionais. Sua falta de sensibilidade acabou por destruí-lo politicamente, amargurando-o profundamente. Bolívar entrou em lutas políticas em metade da América do Sul; alcançada la paz, acreditava que sua presença de guerreiro libertador era suficiente para garantir-lhe o poder em qualquer dos lugares onde, na sua concepção, havia sido o responsável pela libertação.

Como uma caixa de Pandora, as lutas pela independência espalharam desejos e aspirações sociais que pediam soluções imediatas, mas que nem sempre eram fáceis de ser alcançadas. A idéia da onipotência dos líderes não se coadunava com os imediatos e intrincados problemas que as lutas pela independência haviam colocado e chocava-se tanto com os objetivos dos poderosos quanto com as aspirações daqueles que nada possuíam.

Se, portanto, a independência aparece como uma frustração, como proclamaram tantos de seus protagonistas, é porque, antes de tudo, abriu a possibilidade de um desenlace diferente e despertou os sonhos adormecidos de muitos. Tempos de transformação trazem em si grandes esperanças e sua outra face, as inevitáveis frustrações. Os poderosos queriam tudo organizar e controlar. Os letrados, desencantados com a incapacidade de realizar seus sonhos, esqueceram que os processos históricos eram lentos, que o ritmo das mudanças não acompanhava a pressa dos atores sociais e que os ventos nem sempre sopravam na direção por eles desejada. Os humildes também se desesperaram, pois sua vida continuava dominada pela pobreza e opressão e tratada com desdém e desrespeito.

Aqueles que dispunham de poder e traduziam os interesses econômicos dominantes tinham, diante de si, um rol de tarefas complexas. Era necessário construir novos Estados, com instituições que garantissem a ordem e o controle sociais, mas que também conferissem legitimidade aos que governavam. Grupos políticos antagônicos formavam-se, a Igreja lutava para não perder seu lugar hegemônico, debates furiosos travavam-se entre os que defendiam um governo centralizado e os que preferiam o federalismo.

Porém, para aqueles que não dispunham de recursos, quer econômicos, quer culturais, os novos tempos não trouxeram benesses ou regalias. Reformas sociais de peso, terra, salários dignos, participação política, educação popular, cidadania, respeito cultural às diferenças, tudo isso teria de esperar. As ações de governos autoritários cobririam e deixariam suas marcas registradas na América Latina durante a maior parte do século XIX. Os “de baixo” teriam de se organizar, lutar, sofrer e morrer para alcançar seus objetivos. Não foram as lutas de independência que mudaram sua vida.

Bibliografia

- Abad y Queipo, M. (1991). Escritos. En Brading, D. (1991). *Orbe Indiano, De la Monarquía Católica a la República Criolla, 1492-1867*. México: Fondo de Cultura Económica.
- Baptista, M. (1956). *Revolución y Universidad en Bolivia*. La Paz: Ediciones Juventud.
- Bolívar, S. (1950a). Carta ao Governador de Curaçao. En *Obras completas*, vol. I. La Habana: Lex.
- _____ (1950b). Carta de Jamaica. En *Obras completas*, vol. I. La Habana: Lex.
- _____ (1950c). Carta ao General Juan José Flores. En *Obras completas*, vol. III. La Habana: Lex.
- Brading, D. (1991). *Orbe Indiano, De la Monarquía Católica a la República Criolla, 1492-1867*. México: Fondo de Cultura Económica.
- Caldas, F. (1990a). Cartas. En Saladino, A. (1990a). *Dos Científicos de la Ilustración Hispanoamericana: J. A. Alzate y F. J. de Caldas*. México: Universidad Autónoma de México.
- _____ (1990b). *Obras Completas*. En Saladino, A. (1990a). *Dos Científicos de la Ilustración Hispanoamericana: J. A. Alzate y F. J. de Caldas*. México: Universidad Autónoma de México.
- Carrera, G. (1969). *El culto a Bolívar*. Caracas: Universidad Central de Venezuela.
- Castillo, L. (1948). *Hidalgo. La vida del Héroe*. México.
- Coelho, M. (1983). Bolívar, Bolívars. *Folhetim, Folha de S. Paulo*, 24 de julio.
- _____ (1999). *América Latina no século XIX. Tramas, telas e textos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP) e Editora da Universidade do Sagrado Coração (EDUSC).
- Costeloe, M. (1989). *La Respuesta a la Independencia. La España Imperial y las Revoluciones Hispanoamericanas, 1810-1840*. México: Fondo de Cultura Económica.
- Chiaromonte, J. (1979). *Pensamiento de la Ilustración. Economía y Sociedad Iberoamericanas en el Siglo XVIII*. Caracas: Biblioteca Ayacucho.
- De Fonseca, M. (1996). *A Única Ciência é a Pátria: O Discurso Científico na Construção do Brasil e do México (1770-1815)*. Tese de Doutorado. São Paulo: Departamento de História, Universidade de São Paulo.
- De Gortari, E. (1981). *Ciencia y Conciencia en México (1767/1883)*. México: SepSetenta/Diana.
- De Monteagudo, B. (1977). Memoria (seleção). En Romero, J. e Romero, L. (1977). *Pensamiento Político de la Emancipación*, Tomo II. Caracas: Biblioteca Ayacucho.
- De Irisarri, A. (1978). Discurso Preliminar a la Historia Crítica del Asesinato del Gran Mariscal de Ayacucho. En Romero, J. e Romero, L. (1978). *Pensamiento Conservador (1815-1889)*. Caracas: Biblioteca Ayacucho.
- _____ (1978). Cartas. En Romero, J. e Romero, L. (1978). *Pensamiento Conservador (1815-1889)*. Caracas: Biblioteca Ayacucho.
- Domínguez, J. (1985). *Insurrección o Lealtad. La Desintegración del Imperio Español en América*. México: Fondo de Cultura Económica.
- Farris, N. (1968). *Crown and Clergy in Colonial Mexico*. Londres: Athlone Press.
- Frieiro, E. (1981). *O Diabo na Livraria do Cônego*. São Paulo/ Belo Horizonte: Edusp/ Itatiaia.
- García, P. (1948). *Con el Cura Hidalgo en la Guerra de Independencia*. México: Empresas Editoriales S.A.
- Gerbi, A. (1996). *O Novo Mundo, História de uma polémica (1750-1900)*. São Paulo: Companhia das Letras
- Hidalgo, M. (1983). Manifiesto. En Villoro, L. (1983). *El Proceso Ideológico de la Revolución de Independencia*. México: Unam.
- _____ (1977). Manifiesto. En Romero, J. e Romero, L. (1977). *Pensamiento Político de la Emancipación*, Tomo II. Caracas: Biblioteca Ayacucho.
- Labastida, J. (1983). *Humboldt, Ese Desconocido*. México: SepSetenta.
- Lanning, J. (1956). *The Eighteenth-century Enlightenment in the University of San Carlos de Guatemala*. Ithaca: Cornell University Press.
- Lynch, J. (1973). *The Spanish American Revolution 1808-1826*. Nova York: W. W. Norton and Cia.
- Martinez, A. e Bellotto, M. (1983). *Bolívar*. São Paulo: Ática.

Sonhos e desilusões nas independências latino-americanas
Maria Ligia Coelho Prado

- Mendoza, D. (1909). *Expedición Botánica de Jose Celestino Mutis al Nuevo Reino de Granada y Memorias Inéditas de Francisco José de Caldas*. Madrid: Librería General de Victoriano Juárez.
- Mora, J. (1950). *México y sus Revoluciones*, Vol. III, Livro 1. México: Porrúa.
- Pratt, M. (1993). *Imperial Eyes, Travel Writing and Transculturation*. Nova York: Routledge.
- Saladino, A. (1990). *Dos Científicos de la Ilustración Hispanoamericana: J. A. Alzate y F. J. de Caldas*. México: Universidad Autónoma de México.
- Santos, J. (1982). *Diario de un Comandante de la Independencia*. México: Siglo XXI.
- Villoro, L. (1983). *El Proceso Ideológico de la Revolución de Independencia*. México: Unam.